

Rio de Janeiro, 20/setembro/84.

Prezado Mário.

Não sei se você recebeu minha carta de 20 de agosto p. passado. Penso que não, pois pedi-lhe que me respondesse qualquer que fosse sua posição. Atrevo-me, portanto, a enviar-lhe anexo uma cópia xerox da mesma.

Acho que fui bastante suscinta quando escrevi sobre o projeto que pretendo apresentar, acho também que não fui o suficiente clara para deixar você saber que <sup>você</sup> é certamente minha única cartada brasileira possível para apresentar a Guggenheim. ~~Claramente falando já passei da idade de tentar obter bolsas no exterior~~ <sup>e não consigo mais</sup> não ser esta da Guggenheim; no Brasil ninguém, ou ninguém que eu conheça, está interessado na pesquisa que estou tentando fazer; conversando com o Nachbin ele não vê como eu possa obter essa bolsa, sendo o meu assunto filosofia e história da ciência, por não haver no Brasil, nenhum filósofo renomado que possa referenciar-me nessa área. Quando citei o seu nome, o do Prof, Poirier e do Prof. Ladrière ele achou perfeito (evidentemente preciso da concordância de todos). Dou-lhe como referência Alexandre Rocha, ex-assistente de Plínio, com quem tenho trocado idéias e que conhece meu trabalho.

Estou-lhe enviando cópia do folheto explicativo da Guggenheim. Você verá que realmente é fundamental o seu auxílio. Afinal são mais de 300 candidatos a umas vinte e poucas bolsas. Não vejo como, sem você poderei conseguir ao menos ser levada em consideração.

Não posso mais esperar que as coisas aconteçam, Mário, não tenho muito mais tempo. Passo 8 horas na Embrafilme, sufocada, tentando sobreviver, pois a pensão de Plínio não chega nem a 350.000 cruzeiros. Não posso terminar meus dias sem fazer nada de melhor, que preencha um pouco a minha vida e venha a culminar em algo que Plínio certamente desejaria para mim. O esforço dele fez-me chegar pelo menos aonde cheguei. Sem ele evidentemente nada teria conseguido. Sei que tenho avançado muito mesmo na minha solidão, no entanto muito mais devagar do que poderia.

Como já disse, acho que fui por demais suscinta ao expor meu pensamento. Faço-o agora, novamente, de forma um pouco mais organizada. Vejamos: meus estudos da filosofia kantiana levaram-me à pretensão de considerar sua belíssima teoria do espaço (e do tempo), que é certamente um dos maiores empreendimentos da filosofia moderna, não só uma façanha das mais notáveis, mas, sobretudo e fundamentalmente, uma "solução", no sentido de que, criando sua própria filosofia do espaço a partir da intuição como fonte primeira do conhecimento imediato e, conseqüentemente,

considerando a metemática (sintética e a priori) baseada na intuição, eliminar de uma vez por todas a influência da própria matemática na teoria do espaço (e do tempo).

Não foi por simples acaso que senti na teoria kantiana do espaço essa conotação de "solução". Ao estudar seus opúsculos pré-Crítica, encontrei-me sucumbida pelo fascínio que se encerra no argumento do paradoxo dos objetos simétricos, argumento a meu ver absolutamente essencial para entender definitivamente a origem da própria noção de espaço no pensamento kantiano. Procurei então informar-me do que disseram seus comentadores até a primeira metade deste século. Foi-me bastante fácil e simples, pois tinha-os à mão. Surpreendi-me, no entanto, e profundamente, ao verificar que, de certa forma todos concordavam no sentido de que o argumento levantado em torno do paradoxo dos objetos simétricos era uma prova definitiva a favor da teoria absolutista de Newton e, também, de certa forma, um repúdio à teoria relacional de Leibniz. Esta não esra evidentemente uma posição com a qual pudesse concordar. Procurei então inteirar-me quanto aos comentaristas mais recentes. Qual não foi meu espanto ao descobrir que ainda permanece mais ou menos um acordo nesse sentido, principalmente no que concerne à validade do argumento.

Na minha muito humilde e modesta opinião, acho que o paradoxo dos objetos simétricos merece uma maior atenção, bem como a felação existente entre as filosofias de Kant e de Leibniz. É necessário, antes de mais nada, considerar a herança leibniziana recebida por Kant.

Há uma certa coerência apenas em Vaihinger, quando estabelece que a mudança do pensamento kantiano deu-se em 1769, entre a publicação dos Primeiros fundamentos sobre as regiões do espaço (1768) e sua célebre Dissertação Inaugural de 1770. Afirma Vaihinger, que é nesse momento que Kant reformula sua doutrina do espaço, de absoluto e real, para intuição pura (reine Anschauung) e pura forma de intuição, acrescentando que essas doutrinas foram desenvolvidas fora dos problemas específicos concernentes à natureza da matemática. Nesse momento, há realmente uma modificação no pensamento kantiano, mas é uma modificação que, a meu ver, está inteiramente relacionada à decisão por ele tomada de colocar que "o espaço não é algo objetivo e real... mas subjetivo e ideal". Há também uma modificação com relação à geometria e, para tanto, Kant se utiliza das peculiaridades do argumento do paradoxo dos objetos simétricos, quando quer mostrar que "a geometria não demonstra suas proposições universais ao apreender o objeto através de um conceito universal, .. mas, submetendo-o aos olhos de uma intuição singular". Se assim não fosse, como entender em Kant a presença da teoria relacional e a impossibilidade de uma total eliminação da teoria absoluta do espaço. Afinal, não há como elimina-la posto ainda vivermos num universo newtoniano.

Não é mesmo? Kant, após desenvolver suas doutrinas do espaço independentemente dos problemas da natureza da verdade em matemática, tendo percebido que essa verdade é sintética e a priori, usou suas próprias doutrinas do espaço para explicar este fato. Vaihinger parece não querer dar-se conta de que a mudança de 1769 já vinha ocorrendo há algum tempo.

Não é possível esquecer que, malgrado sua publicação em 1797, sua Teoria dos Céus foi escrita em 1755. Nela Kant vai mais adiante ainda que Newton, pois estende a aplicação da lei de atração e com ela toda a mecânica newtoniana a todo o Universo. Também em seu opúsculo de 1764 Enquiry concerning the Clarity of the Principles of Natural Theology and Ethics, Kant já havia colocado que "as Matemáticas percebem as definições sinteticamente, embora a filosofia o faça analiticamente". Vaihinger e os outros comentadores parecem ignorar estes dois fatos e a época em que surgiram, principalmente a época. Kant poderia, a meu ver, ter tentado nesse momento escrever a obra que desejava sobre a relação entre a física e a metafísica, questão para ele fundamental e que não conseguiu levar a cabo.

Em 1981, a D. Reidel publicou uma obra do prof. J.V. Buroker, Space and Incongruence, em que ele prova ser o paradoxo dos objetos simétricos a origem do idealismo kantiano, com o que concordo, pois, embora este argumento não apareça na Crítica da Razão Pura, surge novamente nos Prolegomena, onde é usado para provar que as coisas externas espacialmente devem ser aparências, mais do que as coisas em si e que o espaço é a forma de intuição exterior. O prof. Buroker está perfeitamente convencido que o espaço é uma entidade independente dos objetos fenomenais. Parece, portanto, ratificar as próprias palavras do prof. Poirier "... nous ne disposons en gros que de deux solutions: l'idealisme kantien et le réalisme" (Le Nombre, Paris, F.Alcan, 1938) Ouso perguntar: será que verdadeiramente só temos essas duas alternativas?

Se considerarmos o argumento do paradoxo dos objetos simétricos podemos verificar que não é através dele que Kant aprova ou repudia a teoria relacional de Leibniz - esta é a grande importância do livro de Buroker, trazer de novo à baila o paradoxo dos objetos simétricos. Quanto ao repúdio a Leibniz discordo do prof, Buroker violentamente, pois o grande problema nesse caso parece estar no próprio Leibniz, cujo pensamento situava sua teoria relacional do espaço numa epistemologia que reduz a sensibilidade ao intelecto e à metafísica das mônadas, analisadas por Kant tanto nas Regiões do Espaço, como na Dissertação de 1770 e nos Prolegomena. Para mim, Kant simplesmente percebe que não há saída através da colocação leibniziana, ao mesmo tempo que constata a

existência de uma matemática possível para aplicação às teorias newtonianas. Se Broad pode concluir que a teoria relacional está mais perto da verdade do que a teoria absoluta, porque Kant não poderia ter chagado à mesma conclusão? Mas, se assim fosse, teria Kant, naquele momento condição suficiente para sustenta-la? É curioso, mas a intenção de Kant parece ser a de querer mudar o conceito até então existente na Prússia em relação a Leibniz. Verifica-se em suas cartas a Eberhard o quanto ele tinha Leibniz em consideração - chama-o de grande matemático e não consegue entender porque ele se engana. Também não aceita suas mônadas. Seriam elas algo diferente do Ser Absoluto de Parmênides, das Formas de Platão, das Substâncias de Descartes, das Qualidades Primárias de Locke e, conseqüentemente, da própria coisa-em-si?

Para mim, a belíssima teoria kantiana do espaço (e do tempo) como formas a priori da sensibilidade nada mais é que uma solução encontrada pelo filósofo para levar finalmente essa discussão para o terreno da metafísica e deixar livre a ciência da mecânica que naquele momento se delineava e estabelecia e, tsmbem, as novas colocações das matemáticas e das geometrias, cuja discussão caminhava a passos largos.

Em síntese, esta é uma narrativa do projeto que pretendo entregar à Guggenheim. Devo deixar claro, entretanto, que minha pretensão esteja talvez acima de minhas possibilidades. Acredito porém, que num grande esforço poderei leva-lo avante. Minha intenção é a de tentar provar a teoria apresentada e, para isso tentar reunir toda a literatura existente a respeito, compara-la com os escritos de Kant (se possível com os de Leibniz) e buscar estabelecer contato, não só com o prof. Buroker, já citado, mas com todos aqueles que estejam interessados no assunto e se discpnam a tanto. É certamente o que mais desejo na vida e é por esse motivo que recorro a você um tanto enfaticamente. Seria muito bom mesmo se você se dispusesse a ajudar-me. Enfim...

Bem, meu caro Mário, creio que tudo o mais já foi dito na carta anexa e, se esta maior explanação não o motivar, então terei de ter muita resignação. Mesmo assim, obrigada por ler-me e responder-me.

Carinhosamente,

